

# ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE, NO ÂMBITO ESCOLAR PARA LIDAR COM ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS

Daianny de Souza da Mota  
Ricardo Takayuki Tadokoro

## RESUMO

O uso de substâncias psicoativas tem aumentado nos últimos anos ocasionando inúmeros conflitos, podendo ser eles de origem social, familiar e pessoal. Assim, surge a necessidade de aperfeiçoamento por parte de profissionais da educação. Neste contexto, a pesquisa aqui apresentada buscou verificar, por meio da participação de docentes, o que duas escolas da Cidade de Rubiataba-GO têm promovido para que ocorra a prevenção ao uso de drogas. O trabalho aqui apresentado possibilitou uma visão mais abrangente acerca da então problemática, destacando pontos que devem ou não ser abordados no ambiente escolar, bem como a maneira mais coerente ou não de intervenção.

**Palavras-chave:** Professores<sup>1</sup>; Detecção<sup>2</sup>; Ambiente Escolar<sup>3</sup>.

## ABSTRACT

The use of psychoactive substances has increased in recent years causing numerous conflicts, which may be of social, family and personal origin. Thus, there is the need for improvement by professionals, as well as environments that deal with their daily lives with different people. In this context, the research presented here sought to verify, through the participation of teachers, what two schools in the city of Rubiataba-GO have promoted to alleviate this situation. The work presented here provided a broader view of the problem of drug use, highlighting points that should or should not be addressed in the school environment, as well as the most coherent or not way of intervention.

**Keywords:** Teachers<sup>1</sup>; Detection<sup>2</sup>; School environment<sup>3</sup>.

## 1. INTRODUÇÃO

O uso de drogas, em sua grande maioria, tem seu início desencadeado por uma série de fatores, podendo ser cultural, disponibilidade da substância, círculo social, entre outros fatores. Tendo iniciado o uso, ele poderá transcorrer sem grandes problemas, no caso de uso simples, ou em outras situações o consumo poderá tornar-se frequente e ocasionar problemas relacionados à dependência química e de convívio social (ASSIS, 2011).

Neste sentido, se faz importante o estabelecimento de métodos que visem colaborar para que informações coerentes sejam repassadas para população e principalmente para os jovens, que em alguns casos deixam-se conduzir por um prazer momentâneo. Assis (2011) afirma que o jovem sem uma devida maturidade emocional, vivendo a complexidade da existência humana, frustrações, modismos e outros, tende a ser um forte candidato ao uso de drogas.

Assim, a escola como formadora de conhecimento, pode ser uma ferramenta de prevenção ao uso de drogas, já que além da família o professor ocupa um lugar significativo na vida do aluno e com isso tem a possibilidade de prevenir ou detectar o uso de drogas, uma vez que, depois dos pais, normalmente os professores são os que mais têm contato com o aluno. Associado a isto, sabe-se que a contribuição do professor vai muito além de ministrar diferentes conteúdos, mas promover a formação de cidadãos.

Sabe-se que o meio escolar busca formar e qualificar cidadãos, porém não é sempre que a escola consegue desempenhar este papel de maneira totalmente eficaz, principalmente quando se trata do assunto prevenção ao uso de drogas. Sendo assim, não é sempre que são feitas intervenções coerentes e com impactos positivos, isso porque normalmente não são oferecidos aos docentes formações voltadas para detecção em busca da prevenção e intervenção relacionados ao uso de drogas.

Para realização de uma melhor intervenção, segundo Supera (2014), é preciso evitar usar rótulos ou jargões como: alcoólatra, maconheiro, drogado, etc. Ainda de acordo com o mesmo autor, estas formas fazem com que o processo de intervenção seja prejudicado de maneira a intimidar e envergonhar, impedindo a aproximação necessária para uma boa prevenção. Isso não se refere somente para profissionais da saúde e pacientes, mas para a relação professor-aluno, uma vez que a forma com que o professor aborda uma determinada situação pode facilitar ou não uma possível intervenção.

Para Aratangy *et al.*, (1998), quem acredita que o viciado em uma determinada droga é um pervertido e pecador, dificilmente será um bom educador, sendo que se deparado com

caso de um aluno usuário, não será capaz de agir com medidas coerentes, mas sim provavelmente buscará livrar-se do problema, expulsando o educando do ambiente escolar ou até mesmo procurando indicá-lo a internação sem de fato ser necessário no momento.

Sabe-se que a questão do uso de drogas entre jovens e adolescentes é um problema social que demanda urgência de ações e políticas que enfrentem esse problema, isso porque o uso de drogas por parte dos jovens pode ser multifatorial. Assis (2011) destaca que o jovem é levado a usar um determinado tipo de droga devido à busca pelo prazer, alegria e outros sentimentos. Porém, estas sensações podem estar acompanhadas de um processo de autodestruição, comprometendo o convívio familiar, social e desempenho escolar.

Segundo Andrade *et al.*, (2014) a escola possui o papel de proporcionar aprendizado ao aluno e, para que esse aprendizado seja eficaz, é indispensável que os pais, a escola e a sociedade agreguem esforços para que os fatores que são considerados empecilhos ao desenvolvimento do aluno, como o caso do envolvimento com o uso de drogas, tráfico, entre outros, possam ser amenizados. Neste sentido, o fato de um aluno se envolver com o uso de drogas, levando-o em muitos casos a desistência dos estudos, exige uma atenção maior por parte daqueles que de uma forma ou de outra se propõem a agir como educador.

A magnitude do problema do uso abusivo de drogas verificada nas últimas décadas ganhou proporções tão graves que hoje é um desafio mundial. Este problema se reflete em vários segmentos sociais, como por exemplo, acidentes de trânsito e de trabalho, violência domiciliar e crescimento da criminalidade (BRASIL, 2007).

Segundo Murer *et al.*, (2009) o uso de substâncias psicoativas é uma problemática atual que tem crescido cada vez mais. Ainda segundo este mesmo autor, o que pode ser notado em alguns casos é o despreparo das pessoas para lidarem com esta problemática.

Assim, o que justifica a elaboração deste trabalho, é devido o uso de drogas estarem difundindo-se em diferentes âmbitos sociais, podendo ser uma das contribuições negativas para o abandono ou diminuição do rendimento nos estudos por parte dos jovens e adolescentes.

Outra justificativa para a então abordagem é motivada por uma pesquisa desenvolvida com usuários de drogas em tratamento de uma Comunidade Terapêutica (CT) na cidade de Rubiataba-Go, desenvolvida no primeiro semestre de 2017. Na pesquisa mencionada, Da Mota (2017) (dados em apreciação para publicação) constatou que a grande maioria dos residentes em tratamento iniciaram o uso de drogas precocemente. Com idades entre 9-13 anos começaram a ingerir álcool e com idade entre 14-15 anos outras drogas, sendo que este

início do uso atrelado ao desinteresse, na maioria dos casos, levou a desistência dos estudos chegando a 37% em ambos os casos.

Diante do mencionado, pressupõe-se que se uma boa intervenção fosse feita pelas escolas, juntamente com uma abordagem frequente por parte dos professores aliados a busca por auxílio do poder público, incentivo da escola, assim como dos pais, provavelmente acarretaria bons resultados. Isso porque, quando se fala em usuário de drogas ou iniciante do uso, direta ou indiretamente toda a sociedade está envolvida e pode ser afetada, sendo um problema de natureza coletiva e não apenas particular.

A pesquisa caracteriza-se como sendo do tipo quali-quantitativa. Qualitativa devido tanto a reações quanto as intencionalidades dos atos pessoais estarem conglomeradas na pesquisa qualitativa (MINAYO,2004) e quantitativa pela utilização da quantificação, tanto no procedimento das informações quanto na coleta, sendo utilizadas técnicas estatísticas, que objetiva promover segurança para análise e explanação dos dados (DIEHL,2004).

Neste sentido, objetivou-se conhecer e destacar o que duas escolas sendo uma estadual e outra municipal da cidade de Rubiataba-Go propõe em prol da prevenção ao uso de drogas no âmbito educacional, se desenvolvem proposta de prevenção ao uso de drogas ou somente executam as já existentes, objetivou-se ainda, verificar por meio de questionários fechados o nível de conhecimento dos professores das respectivas escolas em relação à prevenção e detecção de alunos usuário de drogas.

Participaram da pesquisa um total de trinta e oito docentes, ambos assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), e em seguida realizou-se a aplicação do questionário fechado, contendo doze perguntas. O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos, (CEP), devido ao fato de tratar-se de uma avaliação de forma subjetiva, a qual foi aprovada com número CAAE 02140618.0.0000.0036, para que assim o questionário produzido fosse aplicado aos docentes.

O tratamento dos dados perante as informações coletadas foram gerenciadas no software proprietário Microsoft Excel, para detecção da porcentagem, obtendo desta forma os resultados esperados e destacando-os em forma de gráficos e tabelas para melhor demonstração e compreensão. Para preservação da identidade dos participantes, os mesmos não tiveram os seus nomes revelados.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:**

### **2.1. O uso de drogas entre os adolescentes**

O uso de substâncias psicoativas (SPA), conhecidas popularmente como uso de drogas, de acordo com Marques e Cruz (2000) é um fenômeno antigo na história da humanidade. Segundo os mesmos autores, a fase da adolescência é tida como um momento de curiosidade e especial na vida deles, fase esta que normalmente não são receptíveis a orientações, estão se descobrindo tendo novas experiências e formando grupos de amizade. Caso os componentes dos grupos estejam em experimentação de drogas podem influenciar os outros do grupo a usar, colocando-se assim em exposição a muitos riscos.

Segundo Assis (2011) o fato do jovem experimentar drogas não o torna um dependente, no entanto, mesmo experiências que aparentem ser inocentes podem resultar em problemas diversos como, por exemplo, com atos tidos por infracionários perante a lei. Para o mesmo autor, um jovem que fez uso de drogas passa a ser tratado em alguns casos como sendo um drogado, tanto por seus pais como por professores.

As SPA não são por si só consideradas boas ou ruins, isso porque existem substâncias que são usadas com a intenção de produção de efeitos benéficos a saúde, para tratamento de doenças de forma medicamentosa (MOTA, 2009).

Para Morris (2004) o abuso e dependência de SPA são multifatoriais, pois podem ser ocasionados por decorrências psicológicas, biológicas, sociais e podem alterar de acordo com cada pessoa ou com a substância, tendo uma variação de um indivíduo para o outro. De acordo com Assis (2011) é possível afirmar que o consumo de drogas inclusive o álcool, pode provocar alterações neurobiológicas no cérebro.

Para Carneiro (2002) o álcool é uma das drogas mais perigosas do mundo, reconhecida oficialmente como a causa de parte das patologias, sejam elas individuais ou sociais, desde a cirrose a dependência metabólica. Ainda segundo o mesmo autor cerca de 5% da população é dependente do álcool. Neste sentido percebe-se que o uso de substâncias consideradas como lícitas também são analisadas como fatores negativos para vida humana, e este uso de SPA podem estar associados a distintos fatores, sendo necessária então uma análise coerente a fim de realizar um processo de identificação bem como também prevenção.

## 2.2. Prevenção ao uso de drogas nas escolas

Segundo Almeida (1999), prevenção como o próprio nome indica, refere-se a uma questão de prever e não impedir. Desta forma, estar prevenindo não é sinal de impedimento ao uso de drogas, necessitando assim um maior apoio das políticas públicas, bem como o auxílio pedagógico da educação brasileira para que assim o número de informações coerentes a respeito do assunto possam ser difundidas e melhor repassadas.

O educador pode contribuir para prevenir o abuso de drogas entre adolescentes de duas formas básicas: incentivando a reflexão e a adoção de medidas na própria escola onde trabalha e atuando diretamente com seus alunos, na sala de aula (BRASIL, 2011, pg. 17).

A prevenção ao uso de drogas pode ser dividida em três distintos tipos sendo elas: prevenção primária, prevenção secundária e a prevenção terciária. A prevenção primária trata-se de ações que procuram impedir o surgimento de novos índices de uso de drogas; a secundária está relacionada a ações que evitem complicações para indivíduos que fazem uso de drogas em fase inicial; e a terciária procura perante a dependência já instalada em um indivíduo, evitar que ocorra agravamento para o usuário, sua família e para sociedade como um todo (ASSIS, 2011).

Um exemplo recorrente em algumas escolas relacionado à prevenção ao uso de drogas é o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). Segundo Guedes e Nobrega (2015), o PROERD, atua na prevenção ao uso de drogas nas escolas tanto públicas quanto particulares de ensino fundamental. O projeto possui como principal objetivo instruir alunos para resistirem às ofertas de drogas, com destaque principal na prevenção primária.

Silva e Gimenis (2010) destacam que uma das formas encontradas pelos governos e organizações para tentar diminuir os grandes índices de uso de drogas, foi o método de desenvolver programas de prevenção e promoção à saúde voltada para escolares. No entanto, segundo os mesmos autores, desenvolver formas de prevenção que abordem conteúdos relacionados a drogas e violência e que acarrete mudança de atitude necessita participação e interação dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

No Brasil existem vários programas e projetos que buscam prevenir o uso de drogas, projetos esses como o já mencionado anteriormente: PROERD, outros com o mesmo objetivo como, por exemplo: Prevenção também se Ensina; Comunidade Presente; Prevenção, Educação e Drogas; Prevenir é sempre melhor; Programa Para Resistência ao Abuso de Drogas (ERAD) entre outros, ambos com o objetivo de utilizar o meio escolar como forma de auxiliar na prevenção ao uso de drogas e do tráfico.

( CLAYTON et al, 1996 *apud* SILVA e GIMENIZ, 2010 ) , mencionam que uma dos problemas que é verificado quando se fala da realização de projetos e programas de prevenção é a não continuidade no treinamento referente a habilidades e ao comportamento trabalhado, tornando-se limitada as diferença significativas entre grupos que tiveram intervenções se comparado com os grupos controle.

Segundo Miguel (2000) estabelecer formas que façam com as agilidades desenvolvidas por meio dos os programas e projetos não percam sua eficácia no decorrer dos dias, não é uma tarefa fácil, isso porque se faz necessário uma serie de métodos para que se mantenha o que já fora trabalhado.

Assim sendo um trabalho de prevenção necessita ser bem estruturado desde o inicio, para que deste modo não haja fim, mas sim continuidade e aprimoramento do que já é desenvolvido, necessitando de auxilio tanto da parte que promove quanto da parte que irá executar e dos que irão beneficiar-se, estabelecendo deste modo uma forma de cooperação e ajuda entre os grupos.

Para Silva (2014) a prevenção precisa ser exercida por pessoa preparadas, pois uma intervenção mal realizada tem o poder de acometer danos à comunidade e terem efeitos de redução de benefícios, para o mesmo autor o uso indevido de drogas psicoativas precisa ser prevenido através da utilização de métodos e técnicas adequadas baseadas em formas científicas, de acordo com cada público, de acordo com o momento e situação a qual se encontra o individuo.

### **2.3. O papel da educação e do professor na prevenção ao uso de drogas.**

Segundo Freire (1997) a educação exerce papel fundamental no desenvolvimento do cidadão de maneira a despertar o anseio de arriscar na busca do exercício de não somente falar de modificações, mas de envolver-se e despertar na pessoa a disposição de participação na formação histórica e representar. Ainda podemos acrescentar, segundo à Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD):

Para abordar a questão das drogas e desenvolver ações de prevenção na escola, é necessário ter um planejamento que envolva os diferentes segmentos, incluindo coordenadores, professores, pais, funcionários, estudantes e comunidade. O trabalho deve ser desenvolvido durante todo o processo escolar, por meio de métodos interativos, integrados ao currículo, e que promovam a saúde (BRASIL, 2011, p.38).

Mesmo com os aparentes pontos positivos em relação à preocupação e influências benéficas perante a educação e cuidados com as futuras gerações, o que se sabe é que ainda há

muito a ser estabelecido para que se tenha resultados e intervenções positivas, isso porque quando se fala em educação e formação são termos ligados a diversos fatores, que envolvem distintos segmentos, podendo ser sócias, culturais, dentre outros.

Segundo Mizukami (1986) o termo educação trata-se de algo com significado abrangente, por estar relacionado à educação do homem e não apenas da pessoa em posição escolar. Assim, é necessário ver a educação como forma de capacitar a pessoa para vida em sociedade, de maneira em que saiba lidar com as formas distintas que existem, agindo respeitosamente, porém com suas próprias decisões, de forma autônoma.

Sabe-se que os jovens e adolescentes normalmente passam a maior parte do tempo no ambiente escolar, sendo que se espera que este seja um local de segurança e de transmissão de boas condutas e ensinamento. No entanto, sabe-se também que, em alguns casos, o aluno já chega ao ambiente escolar tendo contato ou fazendo uso de algum tipo de substância psicoativa, nesse caso não é que seja (e de fato não é) o papel do professor intervir diretamente nesta problemática, mas aos docentes cabem uma identificação e tentativa de intervenção. No entanto, faz necessária uma observação mais atenta em relação comportamento do aluno, por parte do docente e/ou da escola em si.

A prevenção e o combate ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, em todas as esferas, incluindo escolas públicas e privadas, é uma tarefa árdua, complexa e extremamente desafiadora. Exige estudos e conhecimento do tema, requer ainda uma dedicação profunda dos envolvidos, articulação entre diversos setores da sociedade e deve ser objeto de constante discussão para não cair na teia complexa das políticas neoliberais (MAGASHIMA, *et al*, 2017, p. 619).

É perceptível que a escola e o professor exercem sim um papel de fundamental importância na detecção do consumo de drogas, no entanto, é compreensível que nem todo aluno ou a grande maioria é receptível a alguns tipos de informações, principalmente se já estiverem em contato com algum tipo de substância. Desta forma, é necessário que o docente e a escola estejam mais bem preparados para lidarem com tal problemática, a fim de não reprimir, mas sim amenizar o contato com as drogas.

A SENAD (BRASIL, 2011) define que o trabalho do professor precisa ser voltado primeiramente ao grupo de alunos que for a maioria o qual espera que seja os que não usam drogas, só experimentou, ou usa de forma eventual, realizando assim a prevenção universal, procurando aumentar as possibilidades de que os alunos que não usam drogas sigam sem usar, adiem o uso e os que estão experimentando álcool e tabaco, parem e não se arrisquem mais, reduzam o consumo ou que saibam desviar-se dos riscos ligados ao uso.



Ainda segundo a SENAD (BRASIL, 2011), não é que o professor irá ignorar alunos com problemas com drogas, mas o foco principal de trabalho do docente não deve ser esse, devido ao fato de que os alunos em alguns casos na verdade necessitam é de uma abordagem de um profissional especializado, sendo assim o educador na verdade ao notar a necessidade, pode então junto à instituição realizar encaminhamentos para se trabalhar de forma específica.

O educador pode também contribuir para prevenir o abuso de drogas entre os adolescentes de maneira, por exemplo, a incentivar a reflexão e a adoção de estratégias na própria escola em que trabalha, assim como em sua própria sala de aula com seus alunos.

#### **2.4. Consumo de drogas nas escolas**

Segundo Assis (2011) na grande maioria das vezes, o consumo de SPA tem início devido a determinantes socioculturais ligados à disponibilidade da substância, a forma com que o indivíduo se visualiza no meio social e outros fatores. Ainda segundo este mesmo autor, uma vez iniciado o consumo, o mesmo poderá ocorrer sem problema algum, assim como outras atividades rotineiras, sendo este uso simples, no entanto, pode se tornar abusivo ou permanente vindo a ocasionar malefícios.

Para Cruz (2016) o uso ocorre devido à curiosidade, necessidade de amenizar angústias da fase vivida, por prazer, imitação ao que outras pessoas fazem sejam eles pais, amigos ou outros.

É evidente que o uso de drogas seja algo que desperta a curiosidade e a busca por partes das pessoas por diversas razões e com os jovens em fase escolar obviamente não seria diferente. Desta forma, nota-se a necessidade de melhor se informar acerca do que de fato se refere o consumo de drogas, bem como seus agravantes a curto e longo prazo, pensando-se também em intervenções, que possam trazer benefícios, isso tanto no meio escolar como nos demais lugares.

Acerca das formas de intervenções em escolas, Aratangy (1998) afirma que:

Palestras com especialistas só são úteis se fizerem parte de um programa de prevenção mais amplo, que inclui atividades em longo prazo. Esses eventos, na maioria das vezes, são contraproducentes, à medida que servem para aplacar a ansiedade da própria escola que, com isso, acredita ter feito a sua parte e se exime de qualquer projeto mais comprometido e consistente. (ARATANGY *et al.*,1998,p.12)

Diante do exposto, verifica-se que as formas de abordagens com intuito de informação e prevenção, necessitam ser mais bem revisadas e trabalhadas, isso porque uma intervenção que não seja bem elaborada tende a proporcionar mais malefícios do que benefícios.

Lotufo e Junior (2016) afirmam que a intervenção a respeito do tabaco e álcool nas escolas são fundamentais se quisermos prevenir, em médio prazo, o uso de SPA, no dia a dia escolar. Ainda segundo os mesmos autores, se as intervenções forem periódicas e não pontuais, a absorção e compreensão por parte dos alunos acerca da definição e os possíveis danos das drogas é maior e a prevenção pode tornar-se mais eficaz.

Qualquer ser humano possui a estrutura emocional necessária para dadas as condições favoráveis, desenvolver um vício ou uma dependência. Quem não tiver a humildade de reconhecer isto, não está capacitado para trabalhar com prevenção do uso de drogas, principalmente com adolescentes. Quem acredita que o viciado é um pervertido, um doente ou um pecador dificilmente será um educador eficiente: diante do caso concreto de um aluno com esse tipo de problema, não será capaz de tomar as medidas mais adequadas, mas tentará, provavelmente, se livrar da encrenca, expulsando o aluno da escola ou até recomendando sua internação em uma clínica, em casos em que isso não seria indicado. (ARATANGY *et al*, 1998, p.10)

Assim, para que se tenham resultados mais efetivos, se faz necessário um maior e melhor investimento na educação e nos programas de prevenção, sabendo sempre que o que é possível e o que é desejável são ainda caminhos complexos de serem percorridos, e considerando também que o docente em si não é a porta de redução ao contato com as drogas, mas que sim o mesmo pode auxiliar no processo de detecção, informação ou direcionamento livre de pré-julgamentos ou encaminhamentos indevidos, isso porque a situação do consumo de drogas pode se fazer presente na vida de qualquer indivíduo, até mesmo de maneira sem muito afetar seu convívio social e/ou familiar.

No entanto não se pode negar que a também, casos que podem ocasionar danos levando até mesmo a ocorrência de evasão escolar devido ao contato e uso de drogas.

De acordo com Soldera (2004), diferentes estudos nacionais e internacionais, vêm verificando que as questões psicológicas, socioculturais e o uso de drogas por estudantes podem estar agregadas ou não. Ainda de acordo com o mesmo autor, por meio desses estudos, foi possível constatar que fatores ligados à idade, desestrutura familiar, gênero masculino e ausência de religião possuem relação com o uso de drogas por estudantes em distintos meios sociais.

Segundo Jinez *et al* (2009):

Alguns estudos enfatizam que entre os prejuízos relacionados ao uso de drogas por adolescentes, ainda que em uso experimental e recreativo, estão os danos para o desenvolvimento cognitivo, fisiológico e psicológico, atraso no desenvolvimento e na aquisição de capacidades de autocontrole e autoestima, maior suscetibilidade às influências de seus pares para se envolverem em comportamentos de risco, comprometendo o rendimento escolar, sobretudo se o início do uso de drogas é precoce (10,15). A repetência e o abandono escolar constituem fatores de risco para o uso de drogas, além da relação do adolescente com seu grupo de pares, as atitudes e os valores positivos dados à droga e à procura de sensações entre esse grupo que requer variedade e novidades ( JENEZ, et al , 2009,p.6 ).

Para Jinez *et al* , (2009) estudantes que fazem uso de drogas apresentam porcentagens maiores de repetência. Outro fator além da repetência que pode ser proveniente do uso de drogas pode estar também à questão do abandono dos estudos e a falta de interesse pelo mesmo.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os primeiros dados avaliados, obtidos através da aplicação de trinta e oito questionários aos docentes de duas distintas escolas, sendo uma municipal e outra estadual, são referentes ao nível de escolaridade e área de formação dos docentes.

Através da análise dos dados obtidos, tornou-se possível verificar que, em relação à escolaridade dos participantes, um total de 71% possui pós-graduação, modalidade *Lato Sensu*, 26% possuem curso superior completo e 2,6% possuem curso superior incompleto. Neste sentido, percebe-se que a maioria dos participantes da pesquisa direta ou indiretamente estão em busca de aprimorar e obter maiores conhecimentos acerca da educação em prol de uma formação de conhecimento e aprimoramento do saber.

Segundo a SENAD (BRASIL, 2014), o termo saber aliado ao poder, são pontos importantes entre a educação, escola e professor. Ainda segundo o mesmo autor, a maneira com que as pessoas, no meio escolar, utilizam o saber, conhecimento e a forma como o mesmo se liga a transmissão, pode resultar em aproximações ou distanciamentos entre o conhecimento, o qual fora obtido e produzido, e a sua maneira de transmissão. Desta forma, se faz útil e importante que o conhecimento obtido seja em qual área for, possa ser aprimorado em busca da melhoria nas distintas ocasiões em que o docente possa vir se deparar.

Notou-se ainda que dos docentes entrevistados, 34% são de formação relacionada a ciências exatas, seguido por 29% relacionado a áreas voltadas para letras, linguística e artes, 26% das áreas de humanas, 7,8% ciências da saúde e 2,6% ciências biológicas, mostrando assim diversidade de formações que juntas podem colaborar positivamente para o ensino e para o foco da pesquisa voltada para detecção de aluno usuário ou iniciante do uso de drogas. Afinal, embora essa não seja uma especialidade do docente, o mesmo pode sim ser um forte aliado junto à escola no processo de cuidado e redução aos danos que as drogas podem ocasionar.

Outros dados também obtidos na pesquisa são de caracterização dos docentes que participaram referentes à religião e idade. Ao analisar as respostas, percebeu-se a questão da religiosidade entre os docentes, de forma que 73,7% dos participantes disseram ser de religiosidades católica, seguido por 21% de entidades evangélicas, 2,6% pentecostal e 2,6% se classificaram como seguidores de outras religiosidades que no questionário não foram mencionadas.

Segundo Lotufo Neto e Lotufo Junior (2016), no Brasil, a religião representa dados importantes da vida de um indivíduo, demonstrando que 95% da população brasileira afirmam ter religião, 83% consideram a religião sendo como algo importante em suas vidas e 37% disseram que eram frequentadores de algum meio religioso ao menos uma vez na semana, sendo estes dados que podem ou não ser importantes se mencionados na questão educacional, isso irá depender da forma em que cada educador irá lidar com o referido seguimento.

Dados relacionados à idade dos docentes participantes demonstram que 39,5 % possuem entre 31-40 anos de idade, seguido por 31,6% que possuem entre 41-60 anos, 21,1% tem entre 26-30, seguido por 7,9% que possuem entre 18-25, demonstrando, desta forma, um público de docentes diversificados em relação à idade.

**Tabela 1 – Sexo dos docentes e tempo de atuação em sala de aula.**

SEXO	Masculino	Feminino		
	16%	84%		
TEMPO DE ATUAÇÃO	Menos de um ano	Um ano a cinco	Seis anos a dez	Mais de dez anos
	2,7%	26%	18,4%	52,7%

Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa, 2019.

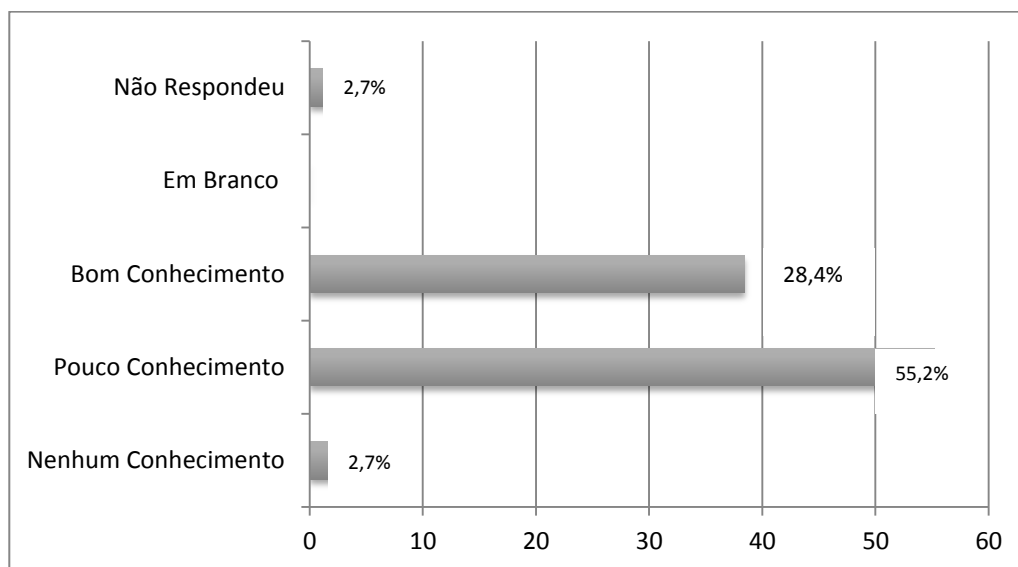
A tabela 1, em sua primeira demonstração deixa nítido que a maioria dos docentes que participaram da pesquisa são mulheres, totalizando 84% e homens 16%. De acordo com Harnik (2011) as mulheres compreendem cerca de 81,5% do total de docentes da educação básica do país, sendo que em todos os níveis de ensino dessa etapa, exceto da educação profissional, o gênero feminino é maioria a estarem ministrando aulas.

Em relação ao tempo de atuação, verificou-se que 52,7% dos docentes exercem sua profissão a mais de dez anos, 26% um a cinco anos, seguido por 18,4% seis a dez anos e 2,7% menos de um ano. Esses dados deixam nítido que a maioria dos participantes exercem a docência a mais de dez anos. Sendo assim, imagina-se que os mesmos possuem um bom

conhecimento da relação professor-aluno, tendo desta forma, já passado por distintas situações no cotidiano escolar, dentre elas possivelmente a existência de algum aluno em sala de aula que estivesse tendo contato com substâncias classificadas como lícitas ou até mesmo ilícitas.

Diante disso, o gráfico a seguir representa a auto declaração sobre o conhecimento dos docentes entrevistados acerca do tipo de drogas existentes (Gráfico 1).

**Gráfico 1- Conhecimento dos docentes acerca do tipo de drogas existentes.**



De acordo com os dados obtidos por meio do questionário, quando perguntado em relação ao conhecimento do docente a respeito dos tipos de drogas existentes, 55,2% afirmaram possuir pouco conhecimento, sendo este um dado consideravelmente preocupante, isso porque se sabe que o pouco conhecimento de qualquer que seja o assunto, leva muitas vezes ao impedimento de se contribuir positivamente, uma vez que não se pode falar com propriedade quando não se sabe a respeito. Uma porcentagem de 28,4% dos docentes afirmou possuir bom conhecimento em relação à temática, 2,7% disseram não possuir nenhum conhecimento e 2,7% optou por não responder a indagação.

(RODRIGUES, 2007 *apud* FERREIRA, 2010) menciona que a lei brasileira (nº 11.343/2006) referente a drogas, estabelece que os docentes possuam conhecimento em relação a substâncias psicoativas para que, desta maneira, possam auxiliar no processo de formação dos alunos.

Porém, os dados da pesquisa demonstrado no gráfico 1 não corroboram positivamente com a lei mencionada no paragrafo anterior, deixando nítido que grande parte dos professores

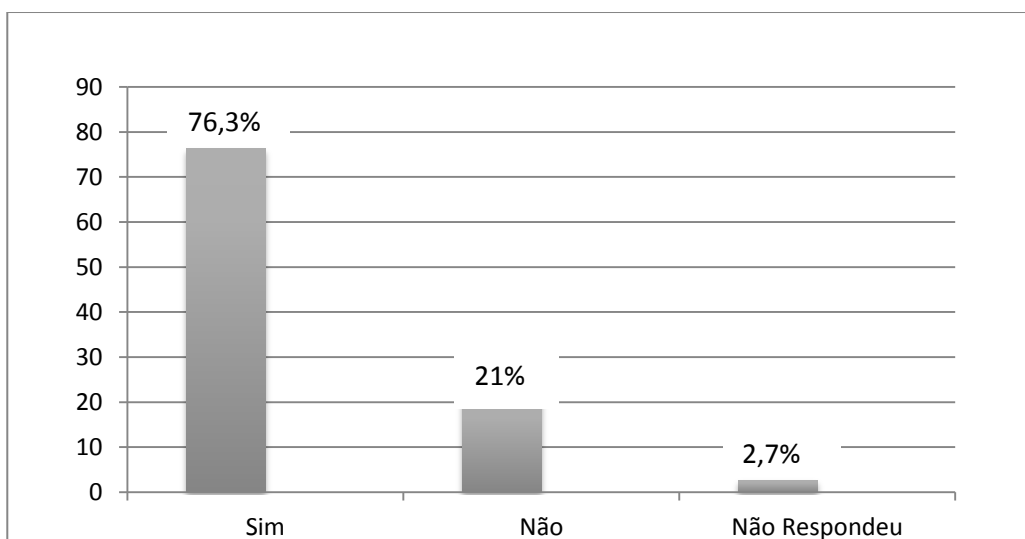
participantes da pesquisa, disseram não possuir conhecimento suficiente a respeito de drogas e assim consequentemente a transmissão fica comprometida.

Ferreira *et al* (2010) destaca em uma pesquisa realizada por ele e colaboradores, o relato de uma docente que afirma não se sentir preparada para lidar com a temática drogas no âmbito escolar: “Eu procuro me informar um pouco porque eu sou educadora e convivo com alunos que estão em contato com drogas e alunos traficantes, então tenho que estar informada. Mas eu não me sinto, assim, preparada. Tanto que eu nunca cheguei pra conversar com um aluno sobre o consumo de drogas ou sobre ele traficar, eu não tenho essa coragem”. (VF41PU).

Assim é possível perceber o quanto este tema provoca insegurança, mesmo quando se sabe a necessidade de cuidados para que ocorra prevenção ao consumo de drogas. Desta forma, percebe-se que em alguns casos o docente possui dificuldade e, medo de falar a respeito de determinados assuntos, que estejam relacionados com o consumo ou contato com as drogas.

Os resultados do gráfico 2 são em relação à percepção do próprio docente acerca da identificação dos efeitos que as drogas são capazes de provocar no organismo de um indivíduo.

**Gráfico 2 - Aptidão para identificação dos efeitos que as drogas podem causar no organismo.**



Quando perguntados se consideravam-se aptos a identificar os efeitos que as SPAs podem provocar ao organismo, 76,6% afirmaram se considerar aptos, seguido por 21% que afirmaram não estarem aptos a tal identificação e 2,7% optaram por não responder a então indagação.

Embora percebamos que a maioria se autodeclararam aptos a detectar os efeitos que as drogas podem provocar no organismo de quem as usa, o que se sabe é que não basta somente saber detectar é necessário que saiba repassar a informação de maneira lógica e que se tenham espaços no ambiente escolar para que possam estabelecer diálogos ainda que breves, com intuito de informar e advertir em relação aos danos futuros que as drogas são capazes de ocasionar, ainda que saibamos que os jovens cada vez mais estão tendo informações disponíveis em relação a distintos assuntos.

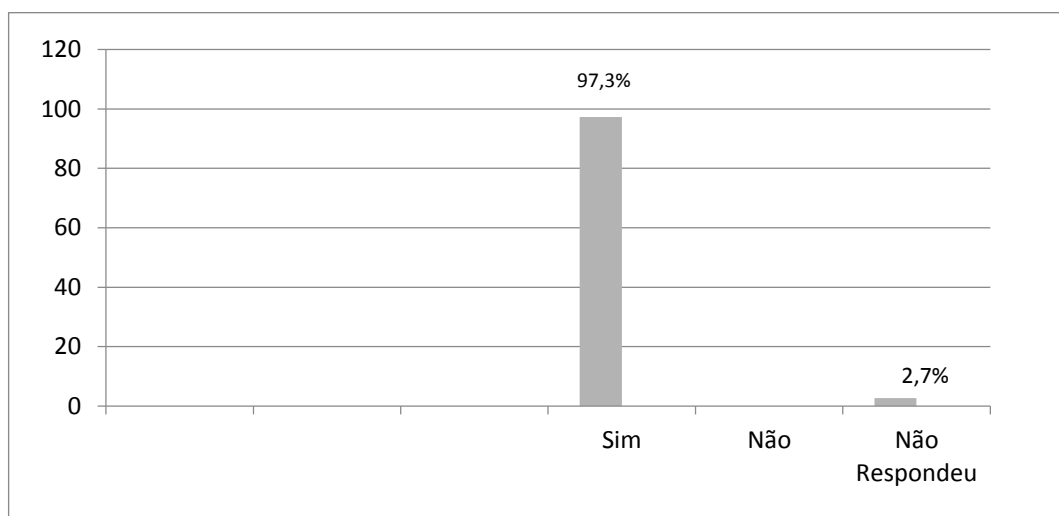
Abramovay e Castro (2005) em um estudo realizado em quatorze capitais brasileiras relataram que alguns dos motivos que levam ao uso de substâncias ilícitas estão associados à busca por prazer, influência de colegas, família, grupos, problemas familiares, imaturidade e de forma menos significativa foi relatada a falta de informação. No entanto, sabe-se que nem sempre as informações são repassadas com clareza e exatidão.

Percebe-se uma divergência nos dados demonstrados no gráfico um e dois, isso porque quando os docentes foram indagados acerca de seus conhecimentos em relação aos tipos de drogas existentes, 55,2% afirmaram possuir pouco conhecimento, porém no gráfico dois é perceptível a divergência quando questionados se consideravam-se aptos a identificar os efeitos que as drogas podem causar no organismo.

No gráfico dois, 76,3% afirmaram considerar-se aptos a identificar os efeitos que as drogas podem causar no organismo. Desta forma, a então afirmação, diverge da primeira, isso porque pode-se pensar como uma pessoa com pouco conhecimento em relação aos tipos de drogas existentes pode-se considerar apta a identificar os efeitos da mesma no organismo de quem a usa. Nota-se que em muitos casos o auto declarar-se conhecedor nem sempre pode ser uma afirmativa coerente do real saber de cada indivíduo.

Em relação à necessidade de conhecer a respeito dos efeitos das drogas, o resultado foi quase que unanime conforme disposto no gráfico 3.

**Gráfico 3 – Percepção dos docentes acerca da necessidade em conhecer a respeito dos efeitos que as drogas podem provocar no organismo.**

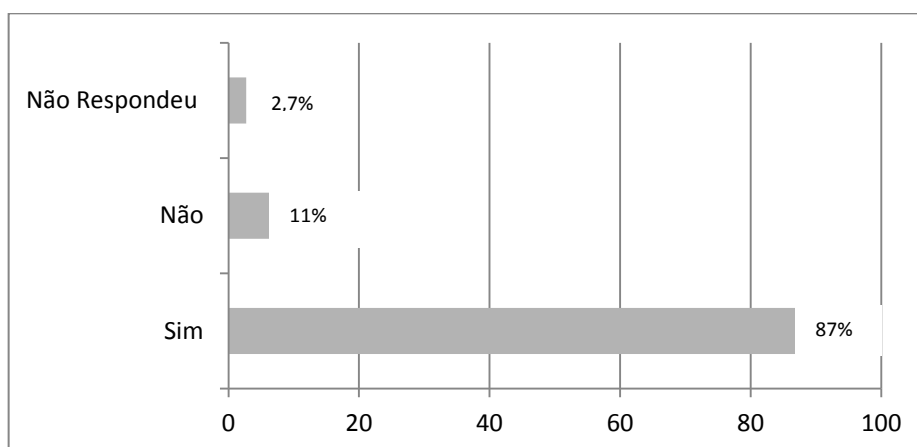


No gráfico 3 nota-se que a grande maioria dos docentes 97,3% disseram que sim, quando perguntados se percebiam a necessidade em conhecer a respeito dos efeitos que as drogas podem provocar no organismo, mostrando desta forma que um primeiro passo pode ser considerado como dado e positivamente. O fato de reconhecer a necessidade de buscar conhecimento acerca dos efeitos que as drogas podem provocar no organismo, pode ser um diferencial no docente e possivelmente levá-lo a busca por conhecimento em relação ao tema e de maneira mais pontual.

Para Ferreira *et al* ( 2010) os docentes, devido a falta de informação e por conta do receio de não terem respostas para esclarecer as dúvidas dos alunos, muitas vezes demonstram ter medo e inabilidade para se trabalhar a prevenção ao uso de droga. Os mesmos autores ainda destacam trechos da pesquisa realizada por eles, na qual um dos docentes que participaram da entrevista menciona não se considerar capaz de criar discurso que corresponda à prevenção, mencionando ainda acreditar que os docentes sejam incapazes de trabalhar programas de prevenção com os alunos.



**Gráfico 4: Dados relacionados ao trabalho da escola em prevenção ao uso de drogas.**



Ao observarmos os dados colhidos referentes à questão da escola em que os docentes atuam se realiza ou não trabalho de prevenção ao uso de drogas, 87% dos docentes afirmaram que sim, 11% disseram que não e 2,7% optaram por não responder.

A afirmativa anterior de que a prevenção ao uso de drogas seja algo recorrente nos trabalhos da escola leva a indagação da veracidade das respostas por parte dos docentes, isso porque se uma escola realiza trabalho de prevenção ao uso de drogas com uma frequência relativamente positiva, conforme se percebe teoricamente o gráfico um deveria apresentar outra porcentagem, no entanto, nota-se que 55,2 % disseram ter pouco conhecimento em relação à temática.

Assim, as informações mencionadas demonstram divergências, que podem estar ligadas a distintos fatores: podendo ser pelo medo de expressar o que de fato ocorre no local de trabalho, ou por simplesmente não se atentar ao que fora perguntado, ocasionando desta maneira uma contradição.

Para Soares e Jacobi (2000) a escola é um local privilegiado para trabalhar a prevenção ao uso de substâncias psicoativas, devido ao fato do melhor acesso aos jovens e pelo quesito educacional. Esses autores ainda destacam que, em alguns casos, há o despreparo para se trabalhar com problemas sociais e culturais existentes, necessitando assim a criação e desenvolvimento efetivo de métodos de qualificação e formação continuada para inserção de uma educação preventiva que seja eficaz.

O documento Unodc de (2006) destaca que:

Graças a ciência de prevenção, podemos também saber mais aprofundamente sobre o que é eficaz na prevenção do uso abusivo de substâncias e o que não é eficaz. É

importante observar que a ciência não acontece por vontade própria. Devemos o que sabemos à dedicação e aos esforços de pesquisadores e profissionais que avaliam rigorosamente os programas de prevenção, e as organizações que financiaram essas pesquisas.( UNODC, 2006,p.6)

Ainda segundo o mesmo documento mencionado anteriormente, o objetivo principal de prevenir o uso de substâncias psicoativas é ajudar pessoas, em especial, porém, não exclusivamente os jovens, objetivando que retardem o início do uso de drogas ou caso já tenham iniciado, evite a ocorrência de transtornos como a dependência. Um modelo eficaz de prevenção ao uso de drogas favorece expressivamente não só jovens, mas crianças e adultos de maneira que participem positivamente nas atividades, sejam elas familiares, escolares, comunitárias, no ambiente de trabalho e social como um todo.

---

**Tabela 2: Realização de formação ou treinamento no ambiente de atuação docente para lidarem ou detectarem alunos usuários de drogas.**

---

<b>SIM</b>	16%
<b>NÃO</b>	82%
<b>NÃO RESPONDEU</b>	2,7%

---

Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa, 2019.

Com o resultado apresentado na tabela dois, nota-se um dado preocupante. 82% dos docentes afirmaram não receber em seus locais de atuação formação ou treinamento para lidarem ou detectarem alunos que sejam usuários de drogas, demonstrando ainda que somente 16% mencionaram receber formação em seu trabalho para esse tipo de detecção e 2,7% optaram por não responder.

Muito se fala que a escola é o local propício para que seja trabalhada a questão da prevenção, o cuidado para que não se tenha contato com as drogas ou que prolongue esse contato bem como o uso, no entanto, nem sempre as escolas e seus docentes recebem formações, subsídios necessários para que tenha uma facilidade maior no trabalho de prevenção, isso porque sem formação é quase que improvável que ocorra uma boa intervenção.

Uma prova da afirmativa anterior é ao compararmos os dados destacados no gráfico quatro, percebe-se que 87% dos docentes afirmaram que a escola realiza trabalho de prevenção ao uso de drogas, porém na tabela três uma porcentagem semelhante 82% afirmaram não receberem em seu local de atuação formação ou treinamento para lidarem ou detectarem um aluno usuário de drogas.

Tal questão pode ser destacada como inquietante, afinal fica difícil imaginar que um ambiente escolar que não investe na formação do docente neste ou em outros sentidos poderá realizar um trabalho de intervenção com excelência e exatidão, refletindo assim que a educação continuada dos docentes, neste quesito não tem sido trabalhada.

---

**Tabela 3: Formação durante a graduação para lidar com alunos usuários de drogas.**

---

<b>SIM</b>	39,4%
<b>NÃO</b>	58%
<b>NÃO RESPONDEU</b>	2,7%

---

Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa, 2019.

Outro dado de muita relevância, são os que aparecem na tabela 3 que é a questão de participação em espaços de formação a respeito do consumo de drogas durante a formação acadêmica dos docentes, ficando constatado que 58% afirmaram não ter participado, 39,4 % disseram ter participado e 2,7% optaram por não responder a indagação. Neste sentido, percebe-se que a grande maioria não possui formação relacionada ao tema drogas e em suas atuações profissões seguem não tendo, conforme demonstrado na tabela 2.

Tais acontecimentos podem estar relacionados ao fato de o trabalho voltado a informação, prevenção e outros meios de cuidados na escola, exigir tempo e investimento para que se tenham embasamentos metodológicos e procedimentos que podem estar vinculados as políticas públicas educacionais, envolvendo assim distintos fatores determinantes.

Segundo Meyer (2003), para ser trabalhada a temática sobre drogas na escola, o corpo educativo necessita ser capacitado para que assim possa desenvolver o tema nas salas de aula e no meio escolar, sendo esta uma questão que requer investimento bem como tempo. Ainda segundo a mesma autora, a busca por obter informações científicas e confiáveis reduzem a insegurança promovendo tranquilidade e qualidade ao método de prevenção ao uso de drogas nas escolas. Meyer destaca ainda que é necessário promover atividades que desperte o interesse dos jovens pelo assunto, evitando que haja um ambiente de acusações e repreensão.

Neste sentido, percebe-se ainda que não seja o foco do ambiente escolar falar a respeito do consumo e prevenção as drogas, se esta temática for melhor trabalhada no ambiente de formação, é possível obter resultados positivos e consequentemente benéficos para sociedade.

Dados descritos na tabela quatro do trabalho demonstram a necessidade e relevância de se trabalhar à prevenção na escola.

**Tabela 4: Percepção da relevância em ser trabalhada a prevenção ao uso de drogas na escola de nível fundamental II.**

Não	----
Melhor em outros níveis da Educação	----
Não discordo totalmente	----
Sim	97,3%
Não	-----
Não respondeu	2,7%

Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa, 2019.

Quando perguntados em relação à relevância em se trabalhar a prevenção ao uso de drogas nas escolas de nível fundamental, quase que unanime foi a resposta de que sim consideram relevante, sendo 97,3% e 2,7% optaram por não responder. No entanto, deve-se pensar e programar de que maneira a prevenção será abordada e trabalhada em meio aos escolares, sem que cause um ambiente de curiosidade e de informações incorretas, isso porque em alguns casos no desejo de querer ajudar e promover informação dados e conhecimentos nem sempre são demonstrados como deveriam. Para Assis (2011) o exagero nas preocupações com o uso experimental de drogas pode ser mais perigoso que o próprio uso de drogas em si.

Em relação a esta temática Meyer (2003) afirma que:

Um programa de prevenção não pode ter como meta principal por fim a toda e qualquer ocorrência com drogas na escola ou propor que os usuários deixem de existir. É preciso tomar cuidado para não cair na armadilha de tentar banir as drogas da escola e da sociedade. Esta é uma empreitada impossível!. (MEYER, 2003,p.7)

Desta forma, percebe-se que pensar em prevenção é bem mais que imaginar um ambiente sem drogas como mencionado anteriormente isso seria impossível, uma vez que vivemos em um mundo com distintos hábitos e costumes, sendo uma sociedade miscigenada, constituída por diferenças sejam elas culturais, familiares, sociais e tantas outras. Outro dado obtido com base nos questionários são os destacados na tabela 5.

---

**Tabela 5: Quantidade de docentes que trabalham em suas aulas o tema prevenção ao uso de drogas.**

---

<b>SIM</b>	79%
<b>NÃO</b>	13,1%
<b>NÃO RESPONDEU</b>	7,9%

---

Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa, 2019.

Embora se tenha conhecimento de que querer banir o uso de drogas é um fato impossível, se faz importante o trabalho de busca por conscientização e prevenção nas escolas, desde que ela ocorra sem pré-julgamento ou postura de intolerância. Na pesquisa realizada, a tabela cinco mostra a porcentagem de docentes que trabalham ou não a questão da prevenção ao uso de drogas nas escolas, 79% afirmaram trabalhar a temática em sala de aula, 13,1% disseram não abordar este tipo de questão em suas aulas, e 7,9% optaram por deixar a pergunta sem responder.

Neste sentido, percebe-se que a maioria dos docentes afirmam buscar de alguma forma desempenhar um papel de prevenção em suas aulas, no entanto, os dados revelam que são propostas realizadas isoladamente, sem um incentivo maior da escola de atuação, conforme mencionado na tabela dois, na qual 82% afirmaram não receber formação para abordar o tema, demonstrando assim ainda mais a necessidade de uma releitura de como de fato esta sendo ou não abordada a prevenção ao consumo de drogas no ambiente escolar.

O último dado apresentado, ao mesmo tempo em que pode ser um fato positivo, por muitos trabalharem em suas aulas a prevenção ao uso de drogas sendo significativa a porcentagem de 79%, também pode ser considerado algo negativo.

Entende-se que trabalhar a então temática é necessário, no entanto, se não tiveram em sua graduação formação específica e não recebem no trabalho treinamento ou formação para lidarem com o tema, conforme demonstra a tabela dois, pode ser que as informações transmitidas em alguns casos despertem mais a curiosidade do que o real sentido de conhecimento.

Assim sendo, é importante que para ocorrer intervenções coerentes, a escola junto ao professor e o poder público, busquem pensar de que maneira estão sendo desenvolvidas a prevenção em sala de aula, em quais fontes teóricas e científicas se baseiam, buscando deste modo aprofundar as metodologias de como são e precisam ser feitas as abordagens em sala de aula.

Um docente pode e deve buscar conhecimento e informação por sua própria motivação, e há os que possivelmente mesmo sem terem tido formação para trabalharem uma temática, a desempenhe melhor do que quem a tenha tido, no entanto, o processo de transmissão de conhecimento necessita ser uma junção de métodos, sejam eles da parte do docente em si bem como do local de trabalho, que vise uma melhor formação continuada e pensada nas gerações atuais e futuras.

Muller (*et al*, 2008 apud Aratangy, 1998) diz que os resultados de prevenção demonstram que maneiras pontuais e isoladas não desempenham os mesmo benefícios e resultados que as que são desenvolvidas de maneira contínua e abrangem setores diferentes no meio escolar.

Concordando com os autores anteriores, Cavallari (2017) diz que:

Não bastam ações isoladas. A educação preventiva, também com relação ao uso de drogas, necessita do envolvimento da comunidade escolar: alunos, educadores (todos os trabalhadores da escola) e pais; além disso, deve estar incluída no projeto político pedagógico da escola, e estimular o diálogo e o contato interinstitucional com a comunidade local. Embora boa parte dos educadores não tenha recebido orientação específica para trabalhar com essa temática, os projetos preventivos mais abrangentes buscam proporcionar a revisão de valores e a formação pessoal, com enfoque voltado para o reconhecimento da habilidade de cada um em responsabilizar-se pelas próprias escolhas, visando o fortalecimento da personalidade, a compreensão das relações familiares, da relação com o próprio corpo, da identidade sexual e social, a tolerância com a diversidade e com as necessidades especiais entre as pessoas e criatividade.  
(CAVALLARRI,2017,p.316).

Neste sentido, percebe-se que ainda que a questão do uso de drogas possa ocorrer em distintos lugares e nas mais variadas esferas sociais, o ambiente escolar é considerado um local propício para o desenvolvimento de atividades relacionadas à prevenção e a informação de qualidade, no entanto, percebe-se que para isso se faz necessário um compromisso efetivo com a educação preventiva bem como o envolvimento da comunidade escolar.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aqui apresentado possibilitou uma reflexão sobre o tema, no qual evidenciamos o quanto ainda é pouco trabalhado no ambiente escolar a formação dos docentes para melhor abordar a prevenção ao consumo de drogas. Uma prova disso são os dados significativos, por exemplo, de que 82% dos participantes afirmaram não receber treinamento ou formação para trabalhar a temática das drogas em sala de aula.

Outro dado importante que pode ser destacado como positivo e ao mesmo tempo preocupante são os 79% que afirmaram trabalhar a prevenção ao consumo de drogas no ambiente escolar, no entanto, sabe-se que nem sempre as informações são repassadas com coerências e muitas vezes sem embasamento científico. Deste modo, em muitas ocasiões o que poderia ser benefício, sem um embasamento suficiente pode acarretar ainda mais a curiosidade, e não a devida informação.

Neste sentido, este trabalho propõe auxiliar e despertar nas pessoas a curiosidade e a busca por compreender que sim, falar acerca da prevenção ao uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas é algo relativamente complexo, no entanto, se bem trabalhada e respeitando os limites de abordagem, muito se pode contribuir. Para tanto, se faz importante à busca por aliar o que pode ser feito, ao que se consegue de fato ser realizado no território educacional.

Desta forma, um estudo que vise contribuir para capacitação de professores para lidar com a intervenção ao uso de SPA, independente de sua área de formação, precisa ser incentivado, não com intuito de fazer com que o docente se torne um conselheiro em relação a tal situação, mas sim promover com que ele possa ser capaz de detectar tal problemática, a fim de poder ajudar, sendo um mediador para uma possível intervenção, capaz de auxiliar e não ignorar como ocorrem em alguns casos.

## 5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M e CASTRO, M.G. **Drogas nas Escolas** - Versão resumida. Brasília: UNESCO. Rede Pitágoras; 2005;

ANDRADE, E.P; A, E.P; S,P.A. **Hora De Agir: Ações Em Torno Da Problemática Das Drogas No Ambiente Escolar Gt1** – Educação de Crianças, Jovens e Adultos. Bahia. 2014.

ALMEIDA, C, R. S. **Drogas: uma abordagem educacional**. São Paulo: Olho d' água, 1999;

ARATANGY, L. R. *et al* . **Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. Editora Summus, São Paulo, 1998;

ASSIS, W, O. **Dependência Química Experiências em Psicoeducação**. Goiânia: Ed. Da PUC-Goiás, 2011;

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). **Manual Técnico de Promoção da Saúde e Prevenção de Riscos e Doenças na Saúde Suplementar - 2ª Edição Revisada e Atualizada.** ANS, Rio de Janeiro, 2007;

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **Drogas: cartilha para educadores** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); conteúdo e texto original: Beatriz H. Carlini. - 2. ed., reimpr. – Brasília : Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011;

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas.** Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília : Ministério da Justiça, 2014;

CARNEIRO, Henrique . **A Fabrica do Vício.** 2002;

CAVALLARI, Celi. **Discursos Preventivos e Propostas Visando à Prevenção ao Abuso e à Dependência de Drogas.** São Paulo .2017;

CRUZ, Edinalva. **Fatores Importantes na Prevenção do Consumo de Tabaco em Crianças e Adolescentes.** São Paulo. 2016;

DA MOTA, Daianny. Souza. **Avaliação Do Perfil Educacional Dos Residentes De Uma Comunidade Terapêutica Do Município De Rubiataba – Go.** ( Dados em Apreciação). Rubiataba. 2017;

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004:

FERREIRA, T.C.D. et al. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. **Interface - Comunic., Saude, Educ.,** v.14, n.34, p.551-62, jul./set. 2010;



FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. 6 ed. Editora - Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1997;

GUEDES, J.D; NÓBREGA, A.F. **Efeitos dos Programas Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) Entre Estudantes do Ensino Fundamental no Cariri Cearense: Um Estudo Comparativo**. *Revista de Psicologia*. Ano 9. Paraíba. 2015;

HARNIK, Simone. **Brasil: 8 em 10 professores da educação básica são mulheres. Da Redação do Todos Pela Educação**. 2011 . Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2011/03/03/brasil-8-em-10-professores-da-educacao-basica-sao-mulheres.htm>. Acesso em: 03-04-2019;

JINEZ MLJ, Souza JRM, Pillon SC. **Uso de drogas e fatores de risco entre estudantes**. São Paulo. 2009;

LOTUFO, J,P,B; JUNIOR, J,P,L. **Dr. Bartô e os Doutores da Saúde: Um Caso de Intervenção Presente**. São Paulo. 2016;

MARQUES ACPR & CRUZ MS. **O Adolescente E O Uso De Drogas**. São Paulo. 2000;

MEYER, Marina. **Guia Prático Para Programas De Prevenção De Drogas**. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. São Paulo. 2003;

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento- Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 8º Edição. 2004;

MIGUEL, C. F. **O Conceito De Operação Estabelecadora Na Análise Do Comportamento. Psicologia: Teoria E Pesquisa**. 2000, vol.16.

MIZUKAMI. M. G. N. **Ensino: As Abordagens do Processo**. EPO. São Paulo – SP. 1986;

MOTA, Leonardo. **Dependência Química e Representações Sociais: Pecado, Crime ou Doença**. Curitiba: Juruá, 2009;

MORRIS, C. G.; MAISTO, A. A.; **Introdução à psicologia**. 6ª. Ed. São Paulo. 2004;

MULLER. Ana, Cláudia et al . **Prevenção às Drogas Nas Escola: Uma Experiência Pensada a Partir dos Modelos de Atenção em Saúde**. Porto Alegre. 2008;

MURER, E; OLIVEIRA, J.D. F; MENDES, R.T. **Substâncias Psicoativas no Ambiente Escolar, "Alimentação, Atividade Física e Qualidade de Vida dos Escolares no Município de Vinhedo/SP"**. Editorial, nº 11. 2009;

NAGASHINA , *et al* . **O Papel Da Escola No Combate Às Drogas**. Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop- MT. v. 7, n. 2, p. 616-631, 2017;

NETO. Francisco, Lotufo; JUNIOR. Zenon, Lotufo. Religião, **Espiritualidade e os Problemas com Álcool e Drogas**. São Paulo . 2016;

SILVA, Adilson Gonçalves e GIMENIZ-Paschoal, Sandra Regina. **Pesquisas Sobre O Programa Educacional De Resistência Às Drogas E À Violência (Proerd)**. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP-Marília** Ano 2010 - Edição 6 - Número 06 Dezembro/2010 ISSN 1983-2192102.

SOARES, C.B; JACOB,P.R. **Adolescentes, Drogas E Aids: Avaliação De Um Programa De Prevenção Escolar**. São Paulo. 2000;

SOLDERA, M; DALGALARRONDO, P; CORRÊA FILHO, H. R; SILVA, C. A. M. **Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados**. Rev. Saúde Pública. Vol. 38, n. 2, pg. 83-277. 2004;

SUPERA: **Sistema Para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substâncias Psicoativas: Encaminhamento, Intervenção Breve, Reinserção Social e Acompanhamento. Intervenção Breve: Módulo 4**. -5 ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, Capítulo 1. Brasília. 2014;

UNODC. **Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime. Normas Internacionais Sobre a Prevenção ao Uso de Drogas**. 2006.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA -  
ECNEM

ATA DE DEFESA DE ARTIGO PARA CERTIFICAÇÃO DE ESPECIALISTA EM ENSINO DE  
CIÊNCIAS DA NATUREZA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

LOCAL E DATA DA DEFESA: IF Goiano, Campus Ceres, Bloco D, sala 03 | 23/08/2019

CANDIDATO/A: DAIANNY DE SOUZA DA MOTA

ORIENTADOR/A: RICARDO TAKAYUKI TADOKORO

COORDENADOR/A: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

RICARDO TAKAYUKI TADOKORO

(Presidente/Orientador/a)

JOÃO ERATÓSTENES DOULGRAS CARDOSO

SIMONE GOMES FIRMINO

TÍTULO DO ARTIGO: VERIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA LIDAR COM ALUNOS  
USUÁRIOS DE DROGAS

LOCAL: IF Goiano, Campus Ceres, Bloco D, sala 03 HORA DE INÍCIO: 18:02 TÉRMINO: 19:15

Em sessão pública, após exposição de cerca de 23 minutos, o/a candidato/a foi arguido/a oralmente pelos membros da Banca Examinadora tendo como resultado:

APROVADO, devendo entregar a versão final no prazo máximo de 30 dias.

NOTA: 77,4

NÃO APROVADO

Na forma regulamentar foi lavrada a presente Ata que é abaixo assinada pelos membros da Banca Examinadora, na ordem acima determinada, e pelo/a candidato/a:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA -  
ECNEM

Ceres, 23 de Agosto de 2019

Presidente/Orientador/a

Coorientador/a

Membro 1

Membro 2

Candidato/a



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiano

**Repositório Institucional do IF Goiano - RIIIF Goiano**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese,                         | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo Científico   |
| <input type="checkbox"/> Dissertação                   | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização   | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação               | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional | Tipo:   |

Nome Completo do Autor: Suzanny de Souza da Mota

Matrícula: 2017 2033 0116 0088

Título do Trabalho: Análise da Prática docente no âmbito acadêmico para lidar com alunos assíduos de grupo.

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIIF Goiano: 29/01/2021

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referida/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Pudalata - GO 29/01/2021  
Local Data

Suzanny de Souza da Mota

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

[Assinatura]

Assinatura do(a) orientador(a)